Revista Illustrada de Portugal e do Extrangeiro

Preços da assignatura	Anno — 36 n.os	Semest. — 18 n.os	Trim. — 9 n.os	N.º á entrega
Portugal (franco de porte, m. forte)	3$800	1$900	$950	$120
Possessões ultramarinas (idem)...	4$000	2$000	—$—	—$—
Extrang. (união geral dos correios)	5$000	2$500	—$—	—$—

12.º ANNO — VOLUME XII — N.º 394

1 DE DEZEMBRO DE 1889

REDACÇÃO—ATELIER DE GRAVURA—ADMINISTRAÇÃO

Lisboa L. do Poço Novo, entrada pela T. do Convento de Jesus, 4

Todos os pedidos de assignaturas deverão ser acompanhados do seu importe, e dirigidos á administração da Empreza do Occidente, sem o que não serão attendidos.

CHRONICA OCCIDENTAL

O grande incendio do Chiado a que nos referimos largamente na nossa ultima chronica, deu ainda muito que fallar em Lisboa e motivou interessantes e renhidas discussões na Camara Municipal.

Como se sabe constou que a explosão fora motivada por gaz extravasado da canalisação da nova companhia, companhia para quem dias antes da catastrophe o Armazem suisso mudara a sua illuminação.

Este boato fez bulha como não podia deixar de ser, apavorou muita gente e com muita razão. Ha muito tempo que se dizia pela bocca pequena que a canalisação da nova companhia do gaz estava muito mal feita, estava mesmo perigosamente feita, e algumas pequenas explosões que tinham havido aqui e ali, pareciam dar razão a esses boatos. Vem de repente o caso do Chiado, a medonha explosão do Armazem Suisso e todos esses terrores se avivam e sobem de ponto, e a população começa a preoccupar-se seriamente com essa questão da tubagem do gaz da nova companhia e da falta de torneiras de segurança.

E todas as attenções e todas as recriminações se voltaram para a Camara Municipal, e não para a companhia, porque a Camara Municipal é a unica responsavel por todas essas coisas, visto caber-lhe a ella a fiscalisação superior d'esses trabalhos.

A questão foi ali levada por um dos mais illustres e talentosos dos actuaes vereadores, o nosso presado amigo e eminente escripror o sr. Dr. Teixeira de Queiroz.

Discutida a questão resolveu-se nomear uma commissão de syndicancia ás causas da explosão e á maneira como foi feita a canalisação do novo gaz, essa commissão já syndicou e segundo parece não encontrou motivo algum aos terrores de Lisboa. Antes assim.

A outra questão que nasceu do incendio do Chiado, foi a de quem havia de remover d'ali o entulho.

Essa questão foi muito original.

Quem havia tirar d'ali o entulho?

O pessoal dos incendios disse que era com o proprietario do predio, o proprietario dizia que era com a camara, a camara dizia que era com a policia, a policia dizia que era com a camara, a cargo de quem está a limpeza da cidade: o verdadeiro jogo do empurra, e o escandaloso e o vergonhoso era que emquanto se discutia a quem pertencia retirar o entulho, emquanto se preparavam argumentos e se mediam rasões, o entulho lá ia estando no meio do Chiado, tomando metade da rua, impedindo o transito, sendo uma verdadeira vergonha para a capital.

No fim de oito dias de discussões e d'empurrões sem se chegar a nenhum resultado, resolveu-se finalmente, depois da imprensa gritar muito e da questão ser levada tambem a uma sessão camararia, que a camara mandasse tirar d'ali o entulho, como lhe cumpria, livre depois de reclamar a despeza feita n'essa remoção de quem se averiguasse ter o dever de a fazer.

E o entulho lá foi então retirado e o Chiado lá ficou emfim transitavel, ao cabo de oito dias de pejamento.

Eu não sei se o resultado da syndicancia feita pela camara municipal, apagou de todo todas as aprehensões e sustos que havia ácerca da canalisação da nova companhia do gaz, mas o que sei é que a respeito d'esta companhia corre á dias uma noticia que preoccupa e assusta toda a gente de Lisboa.

Corre que a nova companhia do gaz vae fazer fusão com a companhia antiga e o publico está aterrado com esta noticia, porque vê n'ella, que d'aqui, a pouco, não verá nada nas ruas de Lisboa á noite.

A nova companhia do gaz que começou com uns rompantes de leão, innundando as ruas de luz, e dando a Lisboa uma illuminação brilhante, digna d'uma cidade, de ha muito que recolheu a bastidores essa illuminação brilhante, e muitas ruas da cidade estão quasi ás escuras, com

VISCONDE DE BENALCANFOR — Fallecido em 19 de novembro de 1889

(Segundo photographia de Fillon)

umas lusinhas bruxuleantes nos candeeiros, lusinhas ao pé dos quaes, a detestavel luz que dava a antiga companhia seria quasi que um sol.

A velha companhia, que fornece o gaz para os domicilios, está já ha tempos dando um gaz detestavel que não pode sustentar sem côrar humilhado, o confronto com um candeeiro de petroleo; ora se a luz da nova companhia nas ruas, e a luz da velha companhia, nas casas, é assim, apesar da rivalidade que ha entre as duas companhias, o que será desde o momento em que, fundindo-se as duas companhias, essa rivalidade desapparece?

Devemos confessar que o caso é para assustar, e para cada qual ir comprando a sua lanternasinha para á noite sahir á rua.

A respeito da Republica do Brazil apezar de passados dez dias continuam ainda as mesmas interrogações sem resposta, e as mesmas versões desencontradas, feitas ao sabor politico dos seus auctores e sem outro fundamento além das hypotheses que cada qual aventa.

Noticias numerosas do movimento republicano, que desthronou o imperador d'uma maneira tão original e imprevista, com a mesma rapidez com que uma dona de casa despede uma criada que lhe não serve, não ha ainda nenhuma.

Todos os dias se diz que ha no Brazil *inteira paz*, todos os dias se diz que ha no Brazil um grande movimento de reacção, e que o mar de rosas em que voga a Republica Brazileira não é tão de rosas como isso, e que já vae apresentando seus espinhos.

Qual é a verdade?

Os telegrammas poucos, que apparecem dizem que é a primeira versão, mas os propaladores da segunda versão dizem que não ha senão esses telegrammas porque o governo provisorio não deixa passar outros.

Mas se o governo provisorio não deixa passar outros, como sabem elles que ha outros a que o governo provisorio não os deixa passar?

Em summa o paquete com as primeiras noticias minuciosas não póde tardar e então se saberá quem tem razão se os pesimistas, se os optimistas.

Não fallámos na nossa ultima chronica de theatros; n'esta não podemos deixar de fallar porque temos bastantes novidades.

Uma d'ellas foi o beneficio do actor Augusto de Mello na Rua dos Condes.

Os beneficios de Mello são umas noites muito caracteristicas e originaes, porque reunem no theatro um publico especialissimo de litteratos e de jornalistas.

Actor e escriptor ao mesmo tempo.

Augusto de Mello tem muitas sympathias no mundo litterario e conta entre os seus amigos, muitos dos nossos mais imminentes e illustres homens de lettras.

E é isso que dá aos seus beneficios uma feição especial de academia litteraria em que todos se conhecem, em que todos são confrades, jornalistas, dramaturgos, homens de lettras, poetas.

Este anno Mello teve no seu beneficio um grande e brihante triumpho artistico.

Representou-se pela primeira vez a *Doutora*, comedia em 3 actos de Paulo Ferrier e Henrique Bocage que teve grande successo no Gymnasio de Paris, e em todos os theatros estrangeiros onde se tem representado.

Em Lisboa a comedia agradou muito tambem e teve uma verdadeira ovação. O publico riu constantemente durante os seus tres actos e era exactamente a isso que os auctores da peça visavam e que conseguiram brilhantemente.

N'essa peça que gira em torno de dois personagens, a medica e o marido, Mello, o marido, e Lucinda do Carmo a medica, tiveram um incontestavel triumpho.

Mello representou magistralmente todo o seu papel, que é difficilimo. Ao seu criterio artistico extremamente lucido não escapou nenhuma das *nuances* d'esse papel, tão abundante n'ellas e a sua interpretação é verdadeiramente um primor artistico.

Lucinda do Carmo teve na doutora uma creação soberba, creação pela qual a foram cumprimentar ao seu camarim muitos dos nossos mais eminentes dramaturgos e homens de lettras.

A illustre atriz estudou, comprehendeu e reproduziu com um talento notabillissimo o personagem da Doutora tal qual o comprehenderam e desenharam os auctores da peça franceza.

A *doctoresse* de Paulo Ferrier é positivamente aquillo, e não ha um traço do personagem, uma intenção, um dito, que ella não comprehendesse e fizesse valer com aquella extraordinaria intenção artistica que é incontestavelmente a mais formosa e brilhante, que n'estes ultimos annos tem apparecido no theatro portuguez.

O actor Costa, um dos mais talentosos actores comicos do nosso theatro, fez com uma engraçadissima verve um pequeno papel de que elle tirou grande partido e avolumou pelos primores da sua execução.

A maneira como elle canta a valsa do *Urso Branco*, e a quadrilha dos *Papas de Linhaça* dois trechos muito felizes do maestro Sttichini e para que Machado Corrêa escreveu uma lettra engraçadissima, póde servir de modelo no genero, e valeu-lhe prolongada ovação.

Alfredo de Carvalho é magnifico de bom humor comico no seu papel, de criado: o filho de Salvador Marques faz com muita graça um doente imaginario, o actor Correia, que nunca tinhamos visto representar, mostrou-se um excellente actor comico n'um pequeno papel que elle caracterisa excellentemente, e Sergio n'um pequeno papel de palhaço, e Roque n'um *bont de role*, Emilia Lopes, n'um pequeno papel de creada, Encarnação Reis n'outro papel de criada, e Guilhermina Macedo no papel de acrobata, e Laura Godinho, e Luiza de Oliveira, e Caetano dos Reis, todos em summa em pequenos papeis contribuiram quanto lhes coube para o bom *ensemble* da peça, que foi excellentemente ensaiada por Augusto de Mello, que teve mais este successo de ensaiador habilissimo a ajuntar ao seu successo de actor de primeira ardem.

Em seguida á *Doutora* representou-se uma operetta celebre do reportorio da Judic *Os Carvoeiros*, em que agradaram immenso Lucinda do Carmo, Costa e Alfredo de Carvalho.

No theatro de S. Carlos desde a ultima vez que fallamos d'elle houve duas operas novas que não conseguiram agradar—a *Africana*, em que apenas se distinguiram a prima-dona Emilia Corsi, no papel de Inez, e o baixo Ercolani no de D. Pedro, isto é os dois papeis menos importantes da opera, e o *Roberto do Diabo* em que foram applaudidos tres trechos, a valsa infernal e a invocação pelo sr. Ercolani, e as primeiras estrophes da canção da normandia pela sr.ª Bulicioff. Já vêem portanto que estas operas parecem-se muito com dois fiascos.

Já depois de composta esta chronica é que S. Carlos soube está epoca o que era um successo.

Esse successo deveu-o ao apparecimente da illustre cantora Eva Tetrazini que com o seu prodigioso talento veio finalmente quebrar o enguiço que pesava sobre a actual epoca lyrica, que até agora podia figurar entre as peiores que tem havido no nosso theatro, nos tempos para elle mais calamitosos, e contava apenas d'uma serie não interrompida de desastres.

A sr.ª Tetrazini reapparceu no *Otello* e o seu triumpho foi enorme.

A formosa cantora é magestral no papel de Desdemona, e o publico maravilhado por aquella execução verdadeiramente superior, por aquelle poderoso talento, victoriou-a enthusiasticamente, fez-lhe uma ovação ruidosa, brilhante e justissima.

O *Otello*, a esplendida opera de Verdi, teve um desempenho em geral muito bom e foi o primeiro successo d'esta epoca, a primeira peça que das sete que até agora a empresa tem apresentado, foi a que ficou de pé.

Tetrazini, como já se sabe, é maravilhosa como cantora e como comediante em todo o seu papel.

O sr. Brogi tem na parte de *Otello*, um dos seus melhores trabalhos artisticos; é n'esta opera que menos se faz sentir que elle é um barytomo a cantar de tenor: tem phrases realmente magnificas e pena é que a intepertração dramatica do mouro de Veneza não corresponda á interpretação lyrica que lhe dá o illustre artista. Se correspondesse o *Otello* do sr. Brogi seria uma obra prima.

O barytono Menotto que tem muito talento e que é um bello artista fez prova dessa sua arte e desse seu talento no papel de Yago. A interpretração dramatica é excellente e essa interpretação valeu-lhe um successo apesar da sua voz não se poder de forma alguma comparar nem em timbre, nem em volume, nem em qualidade com a formosissima voz de Battistini o primeiro Yago que Lisboa ouviu.

O resto do desempenho muito regular á excepção da sr.ª Matteuzi que no ultimo acto no papel de Emilia deixou a desejar, como já a sr.ª Psaudi deixára no anno passado.

Em summa o *Otello* foi um grande triumpho para Tetrazini, um brilhante successo lyrico para S. Carlos e Deus queira que entrada agora n'este caminho a epoca lyrica não lhe torne a perder o rumo.

Gervasio Lobato.

AS NOSSAS GRAVURAS

O VISCONDE DE BENALCANFOR

Apagou-se cedo aquelle espirito tão vivo, tão brilhante, tão delicadamente jovial, que era o encanto de todos que o conheciam!

O visconde de Benalcanfôr morreu aos cincoenta e nove annos d'idade, ainda em toda a plenitude do seu bello talento, quando ainda se esperava muito da sua penna brilhante e do seu trabalho intelligente.

Matou-o uma lesão cardiaca que já ha tempos assustara os seus amigos com uns ameaços terriveis.

Ricardo Augusto Pereira Guimarães era portuense. Nasceu no Porto em 11 de outubro de 1830, e apenas entrado na adolescencia foi para a Universidade fazer o curso de direito, curso em que foi dos mais distinctos alumnos, tornando-se notavel na Universidade, não só pelo seu talento, que desabrochava com toda a poderosa seiva da mocidade, como tambem pelo seu espirito desinquieto, turbulento, original de *estudante de Coimbra* a valer.

Ricardo Guimarães deixou na Universidade uma tradição alegre de joviaes estroinices, de engraçadas phantasias de trocista e taes diabruras por lá fez, que por occasião dos famosos tumultos conhecidos em Coimbra pelo nome da Revolta do Entrudo, teve que emigrar para Thomar, onde se conservou algum tempo.

Formado em direito veio para Lisboa viver, casou aqui com a Ex.ma Sr.ª D. Maria Magdalena Paes Guerreiro de Sande Salema, viuva de Joaquim Carlos Champalimaud, e filiou-se no partido historico.

Apesar de se metter na politica logo ao sahir dos bancos da Universidade, Ricardo Guimarães nunca foi um politico a valer, ainda bem para a litteratura portugueza, nunca se deixou arrastar pela febre das paixões politicas, e deputado em varias legislaturas e ultimamente par do reino, o visconde de Benalcanfôr nunca pôz a sua eloquencia, e que a tinha das mais litterarias e delicadas, ao serviço das luctas parlamentares.

E o visconde de Benalcanfôr era um orador elegantissimo, d'um verbo quente e colorido, como quente e colorido era o seu estylo de escriptor.

Tivemos o prazer de o ouvir fallar duas ou tres vezes n'umas reuniões, que houve no centro constituinte, e a discursar o visconde de Benalcanfôr tinha o mesmo doce encanto, que tinha a conversar, e que tinha a escrever.

Ricardo Guimarães foi agraciado com o titulo de visconde de Benalcanfôr—nome d'uma propriedade que possuia no concelho de Grandola—pelo ministerio Saldanha em 15 de junho de 1870. Apezar de politico foi-o sempre tão pouco, que nunca teve nenhuma alta collocação official, e apenas foi uma vez secretario geral do governo de Macau, cargo de que não chegou a tomar posse, porque a meio do caminho voltou para traz, por doença, e ha poucos annos foi nomeado Inspector da Instrucção Secundaria na primeira Circumscripção Academica, lugar que exercia ainda quando a morte o veio arrancar aos carinhos da sua familia amantissima e á estima dos seus numerosos e dedicados amigos.

Desde muito novo que o amor das lettras tinha impellido Ricardo Guimarães para o mundo litterario, onde occupou um notavel lugar.

Não deixa muitos trabalhos de grande pezo, mas o seu talento brilhantissimo, d'uma phantasia original e delicada, espalhou-se exhuberantemente por centenares de trabalhos, folhetins, descripções de viagens, memorias do seu tempo, muitas das quaes são verdadeiras perolas litterarias, verdadeiras obras primas.

O visconde de Benalcanfôr destinguia-se entre todos os nossos escriptores pelo seu estylo muito pessoal d'um colorido vivissimo e scintillante, estylo d'um grande poder descriptivo, que fazia com que elle fosse sobre tudo primoroso e inimitavel em recordações de viagem, os livros que mais avultam na sua obra litteraria, de grande valor.

O visconde de Benalcanfor pertencia a Academia das Sciencias, e n'este anno era presidente da 2.ª classe.

Como Academico fez o Elogio de el-Rei D. Fernando, um trabalho deveras notavel, e trabalhava actualmente n'uma *Chronica do Reinado de D. Pedro IV* de que tinha sido encarregado pelo governo.

Além de socio effectivo da Real Academia das

Sciencias de Lisboa, o visconde de Benalcanfôr era socio da Academia da Historia de Madrid, da Academia de Cervantes, da Sociedade Madrilena de Anthropologia, da Sociedade de Economia de Paris, do Instituto de Coimbra, membro professor da Academia de Jurisprudencia e Legislação de Madrid, commendador da Conceição, gran cruz de Isabel a Catholica, e ajudante honorario do procurador geral da corôa e fazenda.

A desolada viuva do illustre morto e a seus chorosos filhos os nossos sentidos pezames.

EXEQUIAS DE EL-REI D. LUIZ I NA SÉ DE LISBOA

No dia 19 do mez que acabou, trigessimo dia da morte de El-Rei D. Luiz, celebraram-se na Sé de Lisboa, exequias solemnes por alma do finado monarcha.

O magestoso templo estava armado com custosas armações de seda e de veludo recamadas de ouro, levantando-se no cruzeiro uma eça forrada dos mesmos ricos estofos e sobre a qual se via uma urna coberta de um riquissimo panno de veludo preto e sobre este a corôa real envolta em crêpes.

Apezar da disposição interna do templo não se prestar muito a estas solemnidades, foi no entanto aproveitado da melhor maneira com respeito á parte decorativa, e á accommodação das pessoas que concorreram ás exequias.

Não sabemos porque foi posta de parte a idéa, que primeiro houvera, de realisar aquella ceremonia na egreja de S. Vicente de Fóra, que fôra ricamente armada por occasião do funeral de El-Rei D. Luiz, e que se presta muito melhor a estas ceremonias, além da economia de não ter que se armar de novo.

Pouco depois do meio dia chegaram á Sé Suas Magestades El-Rei D. Carlos e a rainha viuva D. Maria Pia com Sua Alteza o Infante D. Affonso. Sua Magestade a Rainha D. Amelia não compareceu em consequencia de ainda estar recolhida no leito por motivo do nascimento do infante D. Manuel,

Esperavam a familia real o ministerio, á excepção do sr. presidente do conselho, cujo estado de saude lhe não permittiu assistir a este acto, todo o corpo diplomatico, funccionarios, officialidade superior da armada e do exercito, professorado das escolas superiores, camara dos pares e dos deputados, camara municipal de Lisboa, grande concurso de povo, etc.

A ceremonia religiosa principiou, pela missa de pontifical celebrada pelo rev. deão da Sé dr. Napoles, acompanhada a grande instrumental e vozes pela musica da camara. Seguiram-se as absolvições e *requien*, sendo a muzica de Mozart.

Sua Eminencia o Cardeal Patriarcha, presidiu a estas ceremonias e lançou a ultima absolvição.

Achavam-se tambem presentes os reverendos bispos de Beja, de Bethsaida, de Mitylene, de Perga e de Coimbra. Assistiu tambem o sr. nuncio, membro do corpo diplomatico.

Findo o acto religioso, a força militar, que fazia a guarda de honra, deu as descargas do estylo.

A nossa gravura reproduz fielmente o aspecto, que o grandioso templo da Sé apresentava durante aquella ceremonia religiosa.

A REPUBLICA DO BRAZIL

O GOVERNO PROVISORIO

Como se referiu na *Chronica* e na *Revista Politica* do nosso ultimo numero, o Brazil acaba de proclamar a republica, constituindo um governo provisorio até á reunião das camaras constituintes, governo de que o OCCIDENTE, nos referidos artigos, publicou os nomes dos ministros que o compõem.

E de quatro d'esses ministros que hoje já publicamos os retratos, que com grandes difficuldades podemos obter para os apresentar aos nossos leitores.

DEODORO DA FONSECA é o chefe da revolução militar que desthronou o imperio, e o presidente do novo governo

Apesar de ter sessenta e tres annos de idade, nem por isso deixou de ter toda a actividade e energia necessaria para um tal commettimento.

General do exercito brazileiro, ganhou este posto na campanha do Paraguay na guerra que o Brazil sustentou com aquella republica ha vinte annos. É um perfeito soldado e gosa de grandes sympathias no exercito, na armada e entre o povo, porque foi um dos heroes d'aquella campanha, e o prestigio que então adquiriu tem-o conservado, dando-lhe animo para se pôr á frente da revolução e dirigil-a.

BENJAMIM CONSTANT BOTELHO DE MAGALHÃES, tambem não é um novo, tem approximadamente cincoenta annos, e secundou intelligentemente os esforços de Deodoro da Fonseca auxiliando-o na direcção do movimento revolucionario.

É professor da escola militar, um grande mathematico e philosopho que se filia na escola de Augusto Comte. No novo governo tomou a pasta da guerra.

RUY BARBOSA é o ministro da fazenda. Tem pouco mais de trinta annos e tem sido no parlamento brazileiro um dos deputados mais liberaes e que mais tem combatido o clericalismo.

Homem de idéas ultra-avançadas tem manifestado na imprensa, com todo o brilho do seu talento essas idéas, assim como tem combatido a centralisação administrativa; pelo que se vê será inclinado á republica federal.

Como financeiro nada mais sabemos além do que fica dito, mas é de suppôr que a escolha que o governo provisorio fez d'elle para ministro da fazenda se baseie nos conhecimentos financeiros que lhe reconhecem.

QUINTINO BOCAYUVA ministro dos negocios estrangeiros, está a completar cincoenta e tres annos, e se bem que a sua alma de poeta não o encaminhasse logo para a politica, nem por isso deixou de ser um dos jornalistas mais exaltados da politica, quando ha trinta annos principiou a escrever no *Diario do Rio de Janeiro*, ao lado de Saldanha Marinho, contra o governo conservador.

De então para cá tem sido um luctador arrojado pelas idéas republicanas, revellando vastos conhecimentos que lhe dão uma superioridade incontestavel quer na imprensa quer na tribuna brazileiras. E' actualmente o director politico do jornal fluminense *O Paiz*.

Logo que possamos obter os retratos dos outros ministros os publicaremos com os perfis biographicos.

MEDALHA DA EXPOSIÇÃO UNIVERSAL DE PARIS DE 1889

Podemos offerecer hoje aos nossos leitores o desenho das medalhas destinadas aos expositores que foram premiados na exposição de Paris que acaba de se encerrar.

Foi determinado que se cunhassem duas especies de medalhas, sendo uma commemorativa da exposição, e outra destinada a premiar os expositores.

Abriu-se um concurso para estas medalhas, com o premio de oito mil francos para os modelos que fossem approvados. Os modelos preferidos foram os do sr. Luiz Battée para a commemorativa, e o do sr. Daniel Dupuis para a medalha dos expositores.

A decisão d'este concurso teve logar em 17 de julho e foram marcados dois mezes para apresentação dos cunhos á direcção da Casa da Moeda de Paris, onde se deviam cunhar as medalhas.

As medalhas são todas de bronze e tem um espaço reservado para se gravar o nome do expositor e classificação do premio.

As medalhas commemorativas são para os collaboradores da exposição.

A medalha dos expositores que reproduzimos em gravura é assim composta:

O anverso representa duas figuras, o Trabalho sentado e empunhando na mão direita um martello, e a Sabedoria com elmo de bronze e a cabeça de Meduza, reclina-se na arvore da Paz, levanta na mão direita uma corôa de louro para cingir na fronte do Trabalho, indicando com a mão esquerda a exposição no Campo de Marte.

O sol disponta no horisonte e entre os raios lê-se 1889.

A inscripção d'esta face é: *Exposition Universelle.*

A composição do reverso é simples e bem imaginada. A Fama abrindo as suas azas, cinge com o braço esquerdo um busto da Republica, e sustem na mão direita a tuba junta aos labios na acção de annunciar ao mundo os nomes dos expositores premiados na grande exposição.

É n'esta face que ha o quadro em que se grava o nome do expositor.

D. LUIZ I

V

Foi no dia 13 de setembro de 1871 que Fontes Pereira de Mello subiu de novo ao poder, e foi então que o paiz principiou a recuperar-se dos desastres que lhe haviam resultado da infeliz revolução da janeirinha. Nos seis annos do governo regenerador que foram de 1871 a 1877 importantes melhoramentos se realisaram, e sobretudo levantou-se o credito portuguez, que andára de rastos n'esses quatro annos, e que entrou então nas condições geraes do credito europeu, e nunca mais teve um eclipse.

Percebem bem os nossos leitores que não vamos fazer politica n'um artigo do *Occidente*, mas percebem tambem que, se estamos fazendo historia com a imparcialidade que ella exige, não podemos deixar de indicar os resultados a que somos conduzidos pelo estudo dos factos, embora esses resultados sejam bem contrarios ás declamações de uma certa politica.

O profundo golpe, que o credito portuguez recebeu depois de restaurado pelas sabias medidas de 1851, foi o que resultou do motim de 1868, que mostrou á Europa que o povo portuguez negava ao seu governo os meios necessarios para elle satisfazer os seus compromissos. A queda do governo da fusão, e juntamente a revogação da lei do imposto de consumo, assustaram os capitaes, e o governo portuguez, para obter os mais insignificantes emprestimos, teve de se rojar aos pés dos agiotas estrangeiros que lhe impozeram os mais rudes sacrificios. As cotações desceram espontaneamente, e desceram em virtude dos erros da politica portugueza. A queda do ministerio Avila-Dias Ferreira, queda promovida pelo mallogro de uma nova proposta tributaria, aggravou extraordinariamente a deploravel situação em que se encontrava o nosso credito.

Procurou-se então luctar contra estes erros capitaes da nossa politica, mas vieram tambem, deve dizer-se, varios acontecimentos estranhos á vontade do governo portuguez complicar esta situação. A revolução de setembro de 1868 em Hespanha, a guerra do Paraguay, a guerra franco-prussiana, tudo isso, aggravado ainda pela revolta militar portugueza de 1870, accrescentou muito as difficuldades financeiras com que os nossos governos tiveram de luctar.

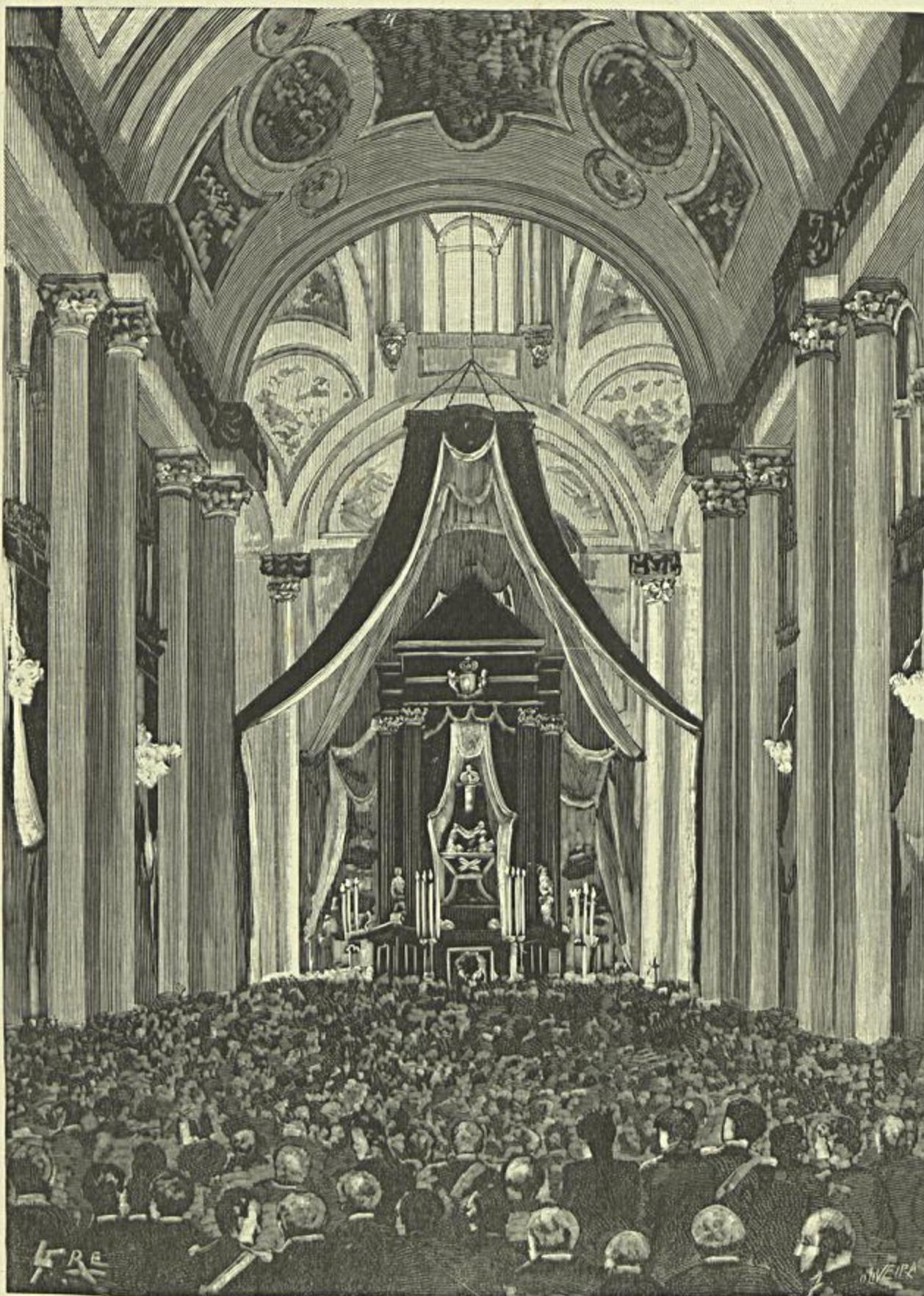
Foi a mão energica de Fontes Pereira de Mello, foi a sensatissima administração de Serpa Pimentel que levantou de novo o credito, e que restaurou as finanças. D'ahi por diante póde dizer-se que nunca mais o credito portuguez obedeceu a outras variantes, que não fossem as que resultavam das variações da politica geral da Europa ou do mundo. Foi assim que a revolução republicana de Hespanha em 1873 e a guerra russo-turca de 1877 embaraçaram muitas vezes o governo portuguez, como embaraçaram os governos de toda a Europa.

Foi assim que actuou nas nossas condições financeiras a baixa geral de todos os valores europeus, resultante de manobras de Bolsa e dos receios produzidos pelas complicações da Bulgaria e do Afghanistan, mas n'ellas tambem actuou a alta geral produzida nos mesmos valores pela reacção das Bolsas europêas contra esses panicos. Esta é que é a verdade historica, que podia fundamentar com documentos incontroversos.

VI

Foi em 1878, quando, depois do breve consulado do marquez de Avila, voltou ao poder Fontes Pereira de Mello, que principiou para o rei um periodo de amarguras. Está muito fóra da indole d'este artigo o relembrarmos a triste historia das campanhas de diffamação emprehendidas contra o monarcha pelo partido que está hoje no poder. Teve essa campanha uma interrupção de dois annos, devida á entrada do partido opposicionista no governo, mas El-Rei D. Luiz, que deu provas de uma extraordinaria magnanimidade, supportando com animo sereno esse bombardeamento de injurias, que o não impedio de chamar ao poder os artilheiros, tambem não hesitou em os fazer sair do poder, quando a attitude do paiz mostrou bem claramente que soára a hora da sua queda. Em 1881 foi chamado ao poder Antonio Rodrigues Sampaio, substituido n'esse mesmo anno por Fontes Pereira de Mello, e a esse ministerio que durou até 20 de fevereiro de 1886, se deveram importantissimos melhoramentos, e a manutenção absoluta da paz e da liberdade.

É claro que não faltou a prevista renovação das injurias opposicionistas, mas o soberano encontrou amplas compensações nas manifestações de amor e de respeito que por toda a parte recebia do povo. Ficou memoravel a viagem d'El-Rei D. Luiz ao Porto, em que se trocaram entre elle e o povo d'essa cidade as provas mais tocantes de estima e de sympathia, quando a multidão rodeiou a sua carruagem com gritos enthusiasticos, e

FUNERAES DE SUA MAGESTADE EL-REI D. LUIZ I

EXEQUIAS SOLEMNES NA SE DE LISBOA POR ALMA DE EL-REI D. LUIZ I (19 DE NOVEMBRO DE 1889)

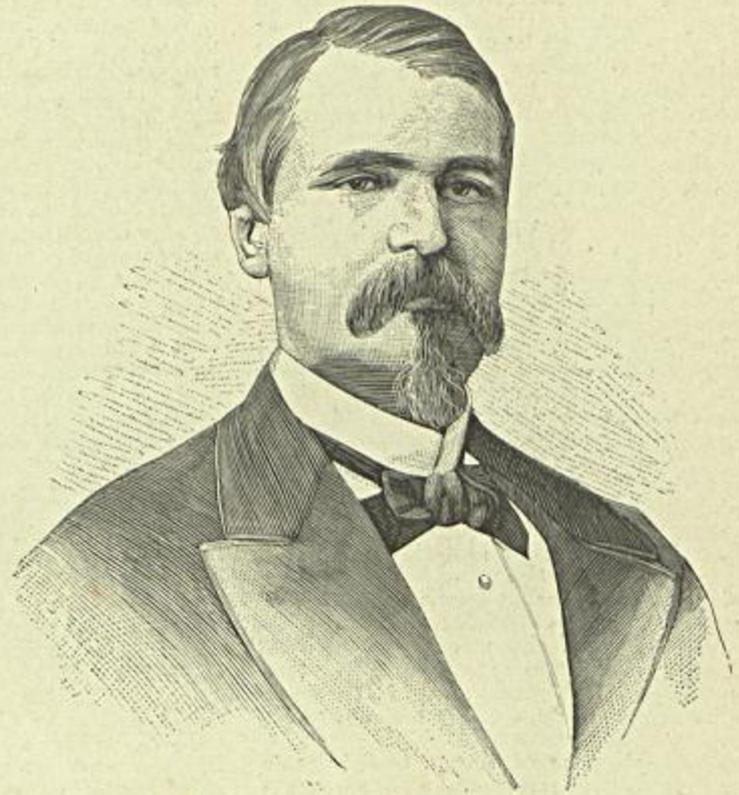
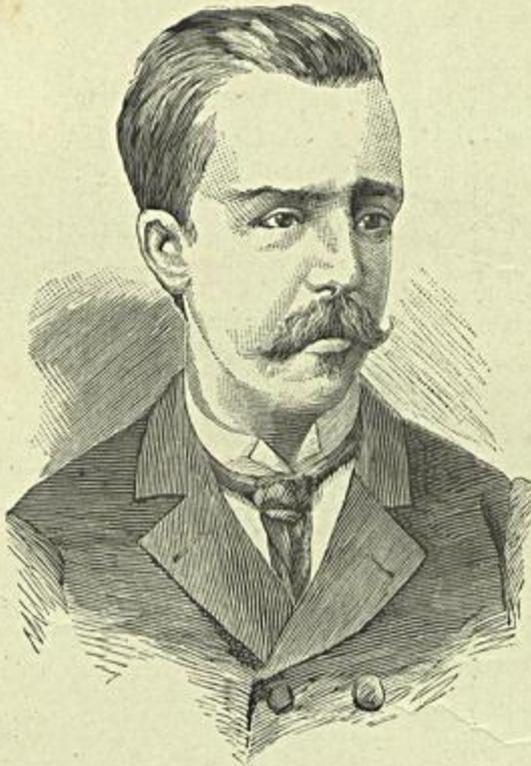
(Desenho de L. Freire)

quando o proprio rei. pondo-se em pé dentro do trem, correspondeu com o grito de «Viva o Porto» a essas manifestações populares.

É tambem curiosa a historia do procedimento d'El-Rei na cidade de Vizeu. Tratava-se da inauguração do caminho de ferro da Beira-Alta, e o partido que no anno anterior saíra do poder, e que no momento em que escrevemos está no poder de novo, organisara contra o rei toda a qualidade de manifestações insultuosas. Em Vizeu, onde esse partido sempre estabelecera o seu quartel-general, temiam-se serias tempestades, e receiava-se que El-Rei, tendo de presidir á inauguração de um hospital ou de uma escola, fosse asseteado por insultos. El-Rei assistiu á cerimonia com a maxima serenidade, e, quando, terminado o discurso do governador civil, coube ao soberano responder brevemente, El-Rei, abandonando a formula official, e entregando-se ás inspirações do seu nobre e illustrado espirito, proferiu, com a sua voz sympathica e vibrante, um discurso por tal forma eloquente que não houve manifestação preparada que resistisse ao valor communicativo das suas palavras, e os insultos meditados transformaram-se nas mais enthusiasticas e delirantes ovações.

Esta eloquencia do rei, notabilissima n'um soberano, valeu-lhe triumphos que não eram realmente devidos á sua alta posição, mas á legitima influencia do seu talento. Nas repetidas visitas que

A REPUBLICA DO BRAZIL

GENERAL DEODORO DA FONSECA
CHEFE DA REVOLUÇÃO E PRESIDENTE DO GOVERNO

BENJAMIM CONSTANT
MINISTRO DA GUERRA

RUY BARBOZA
MINISTRO DA FAZENDA

QUINTINO BOCAYUVA
MINISTRO DOS ESTRANGEIROS

O GOVERNO PROVISORIO

fez ao estrangeiro, a superioridade do seu espirito assegurava-lhe sempre um logar proeminente nas regias sociedades em que figurava, e a predilecção especialissima que por elle tinha o mais illustrado soberano da Europa, o patriarcha da realeza, Guilherme I da Allemanha, era como que a demonstração das sympathias que esta nobre personalidade em toda a parte conquistava.

Quantas vezes á influencia pessoal do seu rei deveu Portugal as maiores vantagens, e deveram subditos portuguezes a sua salvação! Quantos arrancou da força a sua bondosa intervenção, que os soberanos estrangeiros acolhiam sempre com uma deferencia pessoal! Bem se mostrou quanto isso era devido ao prestigio pessoal do soberano, quando, por occasião da sua morte, vimos as côrtes estrangeiras dar testemunhos perfeitamente excepcionaes do seu profundissimo pezar!

VII

Em 1886 subiu ao poder o partido progressista que ainda lá se conserva, e a prova mais convincente que podemos ter dos sentimentos perfeitamente constitucionaes do fallecido soberano, é uma phrase de um dos seus ministros actuaes: «El-Rei é sempre mais ministerial do que o governo.» Quer dizer que El-Rei sempre deu toda a força aos ministros que chamou á governação, pondo sempre completamente de parte as suas predilecções pessoaes para attender só ao bem do paiz. É isso o que significa essa phrase que tanto mostra que El-Rei era mais governamental do que o governo com o ministerio regenerador, como com o ministerio progressista.

Os ultimos dois annos de existencia de D. Luiz foram atormentados pela doença cruel, que, avançando passo a passo, acabou por prostral-o no tumulo. E' ainda muito recente esse acontecimento, foi narrado minuciosamente nas chronicas d'este mesmo periodico, e não precisamos de renovar a sua historia.

Nada diremos tambem das suas qualidades de homem de familia, dos seus meritos litterarios, artisticos e scientificos e do seu trato essencialmente captivador. Mereceria tudo isso deveras um artigo especial, mas o que nos propozemos fazer n'este rapido esboço foi traçar a physionomia politica do monarcha, mostrar como elle comprehendeu de um modo inexcedivel o seu mister de rei constitucional, como tudo sacrificou ao bem do paiz, e ao cumprimento austero do seu dever, e assim justificar o epitaphio que dissemos que se podia gravar no seu tumulo e que fosse a consagração da gratidão do paiz pelo homem a quem tanto deveu a independencia, e que tanto respeitou a liberdade.

Pinheiro Chagas.

GARIBALDI

(Continuado do n.º 393)

A derrota dos austriacos em Como deixaram igualmente livre do jugo estrangeiro Valteline que proclamou immediatamente Victor Manuel, porem elles continuavam ainda occupando o norte do Lago Maior onde ameaçavam a cada momento atacar de novo as cidades que tinham abandonado.

Uma noite Garibaldi á frente de uma columna dos seus caçadores deu assalto ao forte de Laveno, que tinha por objectivo defender uma angra onde estavam fundeados dois vapores, que transportavam tropas para todo o litoral e eram ao mesmo tempo empregados em reprimir qualquer tentativa de ataque na margem opposta. Este assalto foi tenazmente disputado, porem tres dias depois, 4 de julho de 1859, quasi ao mesmo tempo que o exercito alliado franco-italiano ganhava a victoria de Magenta, Garibaldi conseguia arvorar em Laveno a bandeira italiana e obrigar o inimigo a fugir precipitadamente.

A entrada em Milão do resto da columna de Urban, desmantelada, faminta e totalmente inutilisada, diz Vaporeau, excitou no mais alto grau a attenção e o interesse da Europa inteira, bem como a admiração d'ella por esse vulto proeminente da independencia Italiana, Garibaldi.

Logo que Napoleão III e Victor Manuel conseguiram expulsar os austriacos de Milão e assentar n'aquella cidade o seu quartel general, publicou-se em ordem do dia 8 de julho todos os feitos de armas praticados por Garibaldi, e de que até ali havia noticia, sendo-lhe por esses feitos concedida a medalha de ouro de valor militar, bem como as cruzes de officiaes da ordem militar de Saboya a todo o seu estado maior e menção honrosa a 22 capitães, tenentes, alferes, sargentos e soldados dos caçadores dos Alpes.

É n'este dia que Garibaldi toma a cidade de Bergamo e depois de ter estabelecido uma linha de reparação entre as passagens do Tyrol e os campos de Valtelina se dirige incognito para Milão, onde se demora em larga conferencia com Victor Manuel afim de nas suas operações futuras todos marcharem de accordo.

Victor Manuel comprehendeu depois d'esta entrevista que não tinha na nobre causa pela qual resolvera sacrificar corôa e vida, auxiliar mais devotado, mais leal, nem mais corajoso do que Garibaldi.

De regresso a Bergamo marchou immediatamente com os caçadores dos Alpes para Brescia, e tendo ali sido informado de que o inimigo abandonara a offensiva n'aquelle ponto procurou tomar as alturas de Rezzato onde de repente se encontrou envolvido pela artilheria inimiga.

Durante tres horas sustentou uma das mais terriveis e pelejadas batalhas de que a moderna historia das guerras nos faz menção, e tendo perdido o cavallo que montava, a pé e com a espingarda de um dos seus soldados que caíra a seu lado ferido por uma bala, arremetteu contra as fileiras inimigas onde occasionou sensivel mortandade.

A sorte d'esta campanha vem decidil-a um reforço mandado a Garibaldi na manhã seguinte com a ajuda do qual poude pôr o inimigo em debandada.

Em Castelnodolo os caçadores dos Alpes perseguem os austriacos á bayoneta calada até meio da povoação ficando muitas centenas presioneiros de Garibaldi.

Com este combate fecha o numero dos brilhantes feitos de armas com que Garibaldi honrou a historia da independencia italiana.

De Castelnodolo segue a occupar a Alta Italia afim de vigiar os desfiladeiros do Tyrol, onde o foi surprehender a noticia da paz de Villafranca. Dirige-se então ao quartel general de Victor Manuel para offerecer a sua demissão e a dos seus officiaes e só a custo Garibaldi é convencido por este soberano de que a sua demissão collocaria em embaraços a causa da patria.

A conferencia de Zurich deu-lhe novo ensejo para o pedido da demissão. Victor Manuel de novo lh'a recusa permittindo-lhe no emtanto que deixe de fazer parte activa do exercito, o que elle acceita, despedindo se dos voluntarios em ordem do dia de 11 de agosto de 1859.

*
* *

Garibaldi concluira a sua levantada missão. Com pouco mais de 3:000 homens adquirira para a corôa de Victor Manuel tres grandes cidades: Cômo, Bergamo e Brescia, com os territorios que se estendem desde o Lago Maior a Garda e a Valtelina, provincia que corre ao norte entre o Tyrol e a Suissa.

Depois da paz de Villafranca Garibaldi publicou uma proclamação datada de Lovero de 22 de julho recommendando aos italianos do centro que, apezar de firmada a paz e volvidos de novo ao seio de suas familias, se não esquecessem de estar promptos ao primeiro toque de rebate afim de exporem de novo, como até ali o tinham feito, as vidas para salvação da Italia.

Este appello ao amor patriotico terminava por elogiar o auxilio prestado pelo exercito francez, do qual tantos e tão corajosos filhos gemiam ainda feridos ou mutilados no leito da dôr pela santa causa da Italia.

Os democratas hespanhoes abrem uma subscripção a favor dos voluntarios italianos feridos em campanha.

Com estes donativos vinham testemunhos de felicitação de toda a Hespanha para o illustre general.

Em Pariz a subscripção ali aberta para o mesmo fim sob a direcção do redactor principal do *XIX Siècle*, eleva-se a uma cifra tão importante que se destina uma parte d'esse dinheiro á compra de uma taça de prata e ouro para offerecer a Cavour e a duas espadas de honra para Garibaldi e Ulloa.

Por esta occasião tambem os compatriotas de Garibaldi, os corajosos filhos de Nice lhe dirigem uma mensagem felicitando-o.

A 13 de agosto Garibaldi emprehende uma viagem pelas provincias de Italia onde é sempre acolhido com applauso frenetico das multidões.

Vae a Genova, Modena, Bolonha onde visita o tumulo de Hugo Basti, fuzilado em 1849; a Montagnola onde a povoação inteira o acompanha pelas ruas, saudando-o enthusiastica; a Parma, onde a guarda nacional corta os tirantes aos cavallos da sua carroagem para conduzil-o ao palacio, do governo; a Livorno e a Florença, finalmente, onde em todas as estações do caminho de ferro o povo vae saudal-o com a convicção positiva de que tributa as suas homenagens a um benemerito da patria.

Em Florença recebe a comunicação de que o governo toscano acceitara a demissão do general Ulloa para de novo o chamar ao serviço activo dando-lhe o commando que ficara vago, sendo quasi ao mesmo tempo nomeado organisador da defeza do paiz.

Para este fim Garibaldi emprehende uma visita pelas povoações visinhas e em poucas semanas promove o alistamento de grande numero de patriotas sob os estandartes da liga dos quatro estados da Italia Central.

Em homenagem por este serviço a municipalidade de Florença votou que fosse dada a uma das ruas o nome de Garibaldi.

De Parma o general vae a Modena e estabelece ahi a séde do commando. É ainda n'esta cidade que quasi ao mesmo tempo recebe o decreto que o eleva á dignidade de tenente-general e a mensagem da municipalidade de Como, annunciando-lhe que vae erigir um monumento commemorativo aos feitos heroicos dos caçadores dos Alpes. Passando a Rinini toda a cidade se illuminou á chegada de Garibaldi e o general Mezzacapo vae em pessoa recebel-o. Em Ravenna segue-o o mesmo enthusiasmo.

Aqui, acompanhado de seus dois filhos um dos quaes já entrara na campanha da Lombardia sob suas ordens, assiste á exhumação do cadaver de Annita, que é d'ali levado para o cemiterio de Nice.

De Ravenna Garibaldi foi a Bolonha onde organisou as guardas nacionaes das Roumanias, encarregando o general Casenz de pôr em pé de guerra os *Caçadores dos Alpes*.

Em Turin este facto produziu má impressão e Victor Manuel chamou ali Garibaldi para lhe pedir que evitasse qualquer manifestação contra a Austria sem que primeiro as provincias da liga fossem officialmente reunidas á Sardenha.

A calumnia começou então a espalhar que Garibaldi tinha acceitado estas condições humilhantes para attender á sua ambição pessoal, chegando a suppol-o concorrente á regencia da Italia Central, e Garibaldi para dar um solemne desmentido aos seus inimigos pediu a sua exoneração que lhe foi concedida por decreto de 19 de novembro de 1859, no qual lhe era garantido honorificamente o posto de que fora investido com a faculdade de poder usar o respectivo uniforme e insignias.

(Continúa).

Julio Rocha.

A COMEDIA DA VIDA

O ROMANCE D'UM AMANUENSE

XIX

—Hein! exclamou admirado o Quim fitando por seu turno sua irmã.

—Bem, qual é o caminho que tencionas seguir? perguntou-lhe ella novamente,

—E' claro como agua! disse elle.

—O caminho da honra?

—Não senhora, o caminho do estrangeiro!

—Do estrangeiro!

—Sim, é a unica coisa de geito que tinha a fazer, mas para isso era preciso dinheiro, que não tenho.

—Então não pensas em te desaffrontares?

—Não; penso em ir-me embora.

—Mas então tu és um cobarde? perguntou a Emilinhas indignada.

—Mana! essas coisas não se dizem á familia! respondeu o Quim quasi choroso.

—Pois tu deixas-te insultar e não te desforras.

—Como queres tu que eu me desforre?

—Ora essa! Isso não se pergunta.

—Ah! lá isso pergunta! Sempre queria saber o que tu querias que eu fizesse.

—Queria que te batesses!

—Para me darem cabo da pelle?

—A honra está acima de tudo.

—Pois sim! Isso é muito bom quando uma pessoa está viva; mas depois de morta para que é que serve a honra.

— Serve para fazer respeitar a sua memoria.

—Eu respeito mais o meu corpo.

—Tens medo! disse a irmã com um ar desprezador.
—Medo! Eu!
—Sim; então porque foi que te não bateste.
—Por causa do Visconde.
—Do Visconde?
—Sim.
—Não percebo.
—Eu te explico: eu não tinha percebido muito bem que se tratava d'um duello, porque este brutamontes cá de baixo nunca me fallou n'isso senão por alto, por meias palavras.
—Pois sim, mas a bom entendedor meia palavra basta.
—Mas eu é que nunca fui bom entendedor... Entretanto apesar de não estar habituado a advinhar charadas, tive um palpite de que se tratava d'alguma coisa mysteriosa e tinha tenção de indagar o que era; mas n'esse dia a Viscondessa pediu-nos para irmos para Mansamá com ella, disse que o Visconde desejava que eu fosse: eu sou-lhe obrigado, elle é o director da companhia dos seguros, foi elle quem lá me metteu, não lhe podia dizer que não, e fui.
—Isso não é uma desculpa?
—Não é, mana, é a verdade.
—Bem, então podes remediar tudo ainda.
—Como?
—Vae ter com o teu adversario diz-lhe tudo isso, e se elle se recusar a bater provoca-o.
—O que? Eu hei de ir fallar com esse fedelho do Dominguinhos? Nunca!
—Então vae ter com o major Rodrigues.
—E' um animal e eu com animaes não me entendo. De mais a mais, esta noite esse selvagem veio cá a casa insultar-me, e eu não me bato com quem me insulta.
—Então com qnem te bates? só com quem te trata bem?
—Eu não comprehendo questões d'honra senão entre pessoas delicadas e amigas. E' uma maneira de ver. Será errada, não digo que não, mas cada qual pensa a seu modo e eu penso assim.
N'isto bateram á porta.
—Sera o Dominguinhos? disse o Quim fazendo-se muito pallido.
A creada foi á porta e veio com uma carta.
—Uma carta para o senhor, disse ella.
—Para mim?... perguutou o Quim avançando para a carta com a mão tremula.
Deitou os olhos para a lettra e disse, um pouco mais socegado.
—E' do Visconde.
—Do Visconde? perguntou a Emilinhas
—Sim, pelo menos é a lettra d'elle, respondeu o Quim abrindo a carta.
E foi logo direito ver a assignatura.
—E', é d'elle.
E começou a ler em voz alta.

«Meu amigo e protegido.

«Acabo de ler o *Jornal do Commercio*, e estou ainda a vibrar de indignação.»
—Coitado! interrompeu a Emilinhas. Elle é muito teu amigo: está ainda a vibrar!
O Quim continuou a leitura empallidecendo pouco a pouco e sumindo-se-lhe a voz á proporção que ia lendo.
«Não sei o que se passou, mas conheço-o e apesar de saber que a valentia não é o seu forte, vou jurar que tudo aquillo é mentira. O senhor Quim não pela sua dignidade, mas pelo que deve á sociedade, pelo que deve á companhia de seguros de cujo pessoal faz parte, e pelo que me deve a mim, que n'esse pessoal o metti, é incapaz de se ter portado tão cobarde e vilmente como n'esse insultante communicado se relata. Entretanto apesar de eu estar certo d'isso é necessario que todos o estejam.
«Todo o pessoal da companhia se julga insultado na sua pessoa e a meu pedido e por minha lembrança encarrega essa pessoa de o desaffrontar.
«Apresso-me e allegro-me em communicar-lhe para seu conhecimento e devidos effeitos esta resolução do corpo collectivo a que o sr. tem a honra de pertencer e que tem a subida honra de ser dirigido por mim, resolução que o deve encher de orgulho e que o lava como a agua do rio Lethes da mancha infamante que esse communicado lançou sobre a sua honra e dignidade.»
—Mas o que é que elle quer? perguntou balbuciante e tremulo, com medo de comprehender, o Quim, interrompendo a leitura
—Lê, lê para diante e verás, disse a irmã.
O Quim continuou a leitura sem nenhuma vontade:
«Sabe por tanto o que lhe cumpre fazer. Esses miseraveis que o insultaram, insultaram ao mesmo tempo todo o pessoal dos seguros; o pessoal dos seguros illiba-o da offensa feita encarregando-o de o desafrontar d'esse insulto. A sua missão é Nobre, é Levantada e é sobre tudo Augusta, Barradas...»
—Augusta Barradas! repetiu o Quim, muito alegre, mas então isto não é commigo, eu sou Joaquim, não sou Augusta.
—Augusta é a missão; não és tu, explicou-lhe enfastiada a Emilinhas, parece que não sabes lêr.
—E' verdade a Augusta não sou eu.
E continuou outra vez desconsolado e triste:
«Urge portanto que se saia d'ella brilhantemente Procure os seus insultadores e provoque-os e desafie-os e bata-se com elles em duellos singulares.»
—Duellos singulares é uma tolice, ponderou o Quim interrompendo novamente a leitura. Se são duellos é plural, e se são plural não podem ser singulares.
—Não sejas pateta.
—Perdão isto não é ser pateta é ser grammatico.
—Não estejas a procurar evasivas.
—Eu não procuro coisa alguma, mas o que lamento porfundamente é que n'estas questões serias, seriissimas em que andam envolvidas a honra d'uma corporação e a vida d'um homem, e o futuro d'uma familia, se não attenda um bocadinho á grammatica. Eu comprehendo muito bem o brio, o pondunor, mas é preciso que haja tambem pondunor grammatical.
—Mas percebes já do que se trata, não é assim?
—Não, muito bem não percebo; o que percebo é que na carta não ha grammatica e eu em percebendo que não ha grammatica não percebo mais nada.
—Então lê, lê até ao fim e depois perceberás.
Muito contra vontade o Quim concluiu a leitura.
«Creio piamente que fará isto e saberá desafrontar a honra que foi entregue á sua defeza, mas se por acaso, contra toda a minha espectativa tal não succeder, se trepidar ante o desempenho da sua heroica missão, o que não quero crêr escusa de tornar a pôr os pés n'esta companhia e de estender as mãos aos seus collegas, e considere-se desde o momento em que não cumpra dignamente com o honroso mandato que lhe é confiado, despedido para todos os effeitos d'esta valerosa e digna companhia de seguros.»
—Acabou-se? perguntou Emilinhas ao ver seu irmão calar-se cabisbaxo e taciturno.
—Acabou! tratamudeou elle como que embatucado.
—Mas ahi em baixo ainda ha umas coisas escriptas.
—E' verdade.
—O que é?
—Não sei.
—Vê.
—N. B., leu elle, para simplificar a sua missão e para a tornar ainda mais nobre e honrosa faço-lhe a honra de ser seu padrinho no primeiro duello e se o senhor d'elle escapar, depois fallaremos para o outro, e depois para o outro e assim successivamente!»
E acabando a leitura do Nota Bene o Quim resmungou ironico e compungido:
—Muito obrigado pelo seu favor.

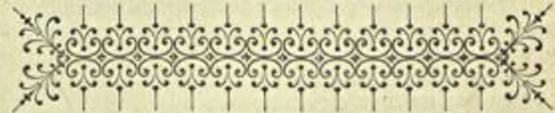
(Continúa).

Gervasio Lobato

NOVIDADES DA SCIENCIA

Acção do alcool sobre os peixes.—O alcool parece possuir a estranha propriedade de chamar á vida certos peixes já asphyxiados por estarem longo tempo fóra d'agua. Duas carpas do aquario de South-Hensington, guardadas a secco em uma caixa durante horas pareciam mortas quando tornaram a deital-os no seu elemento. Algumas gotas d'aguardente, sendo introduzidas na bocca d'uma d'ellas, a carpa recobrou immediatamente os sentidos e começou a nadar. Quatro horas depois o mesmo processo foi empregado para chamar á vida a segunda carpa, produzindo o mesmo surprehendente effeito.
A experiencia foi continuada com outros peixes produzindo os mesmos phenomenos em alguns e nomeadamente na truta, mas não teve acção alguma no salmão.
Um pedaço de esponja impregnada de aguardente, collocada na bocca das carpas, faz chegal-as vivas a distancias longiquas.

Formação da ferrugem nos tunneis.—O *Mechanical world*, resume os resultados d'um estudo feito em uma linha de caminho de ferro na qual os rails tinham sido attacados pela ferrugem com uma intensidade extraordinaria.
Eis como elle descreve em resumo esses resultados.
A linha em questão contêm 18 tunneis cujo comprimento varia de 64 a 728 metros. Tem-se estudado que o maximo da oxydação em um tunnel direito de 125 metros no qual a tiragem, ou conducção, produzida pelo movimento do trem, basta para affastar o fumo.
O enxofre que se encontra na ferrugem produz ao arder o acido sulfuroso, que, ao contacto do ar humido do tunnel se transforma em acido sulfurico, cuja acção sobre o ferro é muito energica.
Mas as cousas não podem dar-se assim quando a ventilação é muita energica como ali acontecia.
Além d'isso a ferrugem recolhida no tunnel era de um caracter especial: consistia em laminas côr de cinza solidas de $2^m,5$ a $7^m,5$ d'espessura tendo por vezes a apparencia de uma massa metalica, e em outros sitios, similhando-se á pyrite de ferro (bisulfurio de ferro). Essas laminas eram mais ou menos adherentes, umas faceis a separar-se por meio d'um canivete, outras sobretudo, sobre as travessas metalicas, não cedendo á acção do buril.
O chimico consultado pela companhia attribuiu a formação d'essa ferrugem não ao acido sulfurico, podendo derivar-se da transformação do acido sulfuroso em presença do ar humido, mas ao acido sulfurico directamente formado na machina e sempre contido no fumo. Essa quantidade de acido passa de 2 kilos por hora.
A natureza dos terrenos que atravessa o tunnel tem tambem grande importancia. A formação da ferrugem é consideravel principalmente nos sitios medianamente humidos onde uma chuva fina cahindo sobre o ensaibramento (*ballast*) ataca os rails e as travessas. Essa agua serve de vehiculo ao acido sulfurico.
Quando o tunnel é d'uma certa extensão, a agua de condensação do vapor da locomotiva representa o mesmo papel e a via vê-se perfeitamente coberta d'uma camada de humidade contendo consideravel deposito de acido sulfurico.
Os meios que teem sido recommendados para impedir, tanto quanto possivel, a formação da ferrugem são os seguintes:
1.º Emprego d'um *ensaibramento* de natureza porosa que facilite o escôamento das aguas pluviaes.
2.º Emprego do *ensaibramento (ballast)* calcario sobretudo nos tunneis que atravessem terrenos não calcarios, tidos como os melhores para a formação dos tunneis.
3.º Untar cuidadosamente os rails e outras partes ferreas da via antes das camadas do alcatrão carbonisado.
4.º Encher o espaço entre os rails de cascalho de boa qualidade.
5.º Fazer uso de combustivel o menos sulfuroso possivel; reduzir ao *minimum* o desenvolvimento do fumo do vapor dentro dos tunneis.

S. P.

REVISTA POLITICA

A nova republica do Brazil continua a preoccupar as attenções geraes e em especial a politica portugueza, onde a imprensa principiou a achar pontos de contacto na situação politica que determinou a revolta do Rio de Janeiro, com a situação politica que o nosso paiz vae atravessando.
E' o caso de deitar as barbas de molho por ver as dos visinhos a arderem, mas o mais curioso é que dizendo-se que a revolta militar do Rio de Janeiro fôra permaturamante manifestada pelas medidas de repressão do governo brazileiro, aconselham algumas folhas ministeriaes o governo portuguez a usar do mesmo systema, não sabemos bem se para se abreviar por cá o advento da republica.
São ainda as folhas progressistas que editam outros conselhos, e estes talvez mais sensatos, e são que o melhor meio a oppôr ás idéas republicanas que por cá minam a sociedade, é a moralidade dos governos, e n'este sentido investem com o sr. presidente de conselho pedindo-lhe menos

vaidade e mais moralidade na administração da fazenda publica.

Não podem haver protestos menos suspeitos, que estes que se levantam entre os proprios progressistas, e são de tal importancia que os jornaes da opposição os reeditam, como justificativos de quanto a mesma opposição tem dito do governo.

Nós abundamos na opinião de que a moralidade dos governos é sempre a melhor garantia d'esses mesmos governos, e que as grandes revoluções politicas são sempre resultado dos governos immoraes.

As repressões contra a opinião publica que manifesta o seu desagrado e sensura o que é digno de sensura, só servem para levantar mais protestos e augmentar o numero dos descontentes que se apressam em vir para as praças publicas levantar o grito da revolta.

Até hoje a historia de todos os tempos não nos tem ensinado outra cousa.

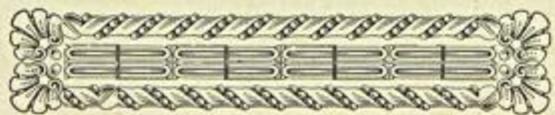
Parecerá um paradoxo, mas é muitas vezes uma verdade, que o maior inimigo d'um governo é o proprio governo, quando os seus proprios erros o envolvem de tal modo que o perdem irremediavelmente.

E já que fallamos em erros, não deixaremos de nos referirmos a uma curiosa questão que ora se ventila, curiosa sobre tudo porque é o proprio governo portuguez o seu protesto contra os direitos de Portugal sobre os territorios ao norte do Zambeze incluindo Machona, Nhassa, etc.

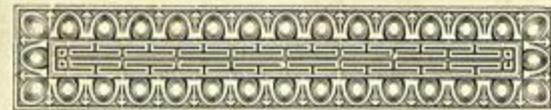
Esta nota começa a levantar clamores em toda a imprensa, dizendo-se tambem que o governo portuguez vae responder a essa nota, com o direito e justiça que lhes assiste.

Ora se Portugal não tem direitos sobre o Zambeze, quem é que os terá, perguntamos nós?

O furor do commercio está cegando os nossos *fieis alliados*, e a Inglaterra tão orgulhosa e tão liberal, está-se sacrificando ás companhias mercenarias inglezas que querem especular com os nossos dominios africanos.

João Verdades

RESENHA NOTICIOSA

Novos navios de guerra portuguezes.—A commissão encarregada de apresentar o plano para os novos navios de guerra que o governo portuguez vae adquirir, propoz o seguinte:

Retratos d'El-Rei D. Carlos.—Os retratos de El-Rei D. Carlos que deverão figurar nas salas das camaras dos pares e deputados, e na do supremo tribunal de justiça vão ser pintados por artistas portuguezes. Folgamos que fosse feita justiça aos pintores portuguezes.

PUBLICAÇÕES

Recebemos e agradecemos:

Album phototypico e descriptivo das obras de Soares dos Reis, *precedido d'um perfil do grande artista* pelo dr. Alves Mendes. Edição do Centro Artistico Portuense. Porto. Typographia Occidental etc. Fasciculos 4.° a 9.° d'esta magnifica edição a que já nos referimos por outra vez.

Gazeta de S. Carlos, *publicação quinzenal*. Lisboa. N.° 1 de 3 de novembro de 1889. Este periodico dedicado ao theatro de S. Carlos, parece-nos que lhe faltará o assumpto pela simples razão de lhe faltar o theatro. De resto muito bem escripto.

EXPOSIÇÃO UNIVERSAL DE PARIS DE 1889

Anverso

Reverso

MODELO DA MEDALHA DESTINADA AOS EXPOSITORES PREMIADOS

verno que a levanta, como uma Magdalena arrependida fazendo confissão de suas culpas.

Os nossos leitores devem estar lembrados das grandes questões que se levantaram no parlamento por parte da opposição contra a celebre companhia Vinicola do Norte, negocio que produziu os mais energicos protestos dos negociantes de vinhos da cidade do Porto e que nas camaras tomou as proporções de escandalo.

O governo então defendeu a todo o transe a concessão que fizera á companhia criada por elle, e só teve paliativos para acalmar os animos exaltados e ganhar tempo.

Pois é este mesmo governo que vem annular agora o contracto que fizera com a Companhia Vinicola do Norte e declarar que não estava legalmente constituida!

Chama-se a isto sangrar em saude, a fim de conjurar fortes tempestades que se approximavam para a futura camara legislativa.

Factos d'estes dispensam de mais commentarios, porque fallam claramente a todo o publico, e poupam papel e tinta para lavrar a condemnação de quem os pratica.

E emquanto a imprensa politica se occupa em discutir se convem ou não convem entrar n'um periodo de repressão ou n'um periodo de moralidade politica; emquanto se critica a reviravolta do governo com respeito á Companhia Vinicola, outro assumpto surge á ultima hora e é, a nota do governo inglez dirigida ao seu ministro em Lisboa, mister Peter, para este apresentar ao go-

A acquisição de dois cruzadores de cerca de 2:200 toneladas com os cascos d'aço, medindo 85^{m}, de comprimento.

As machinas de triplice expansão e verticaes se a altura da blindagem da ponte inferior o permittir. A velocidade deve ser de 16 milhas por hora em condições normaes. Estes navios terão de um a outro extremo uma ponte couraçada d'aço. O reducto do commandante será protegido por placas d'aço, e a artilheria por escudos ou abrigos blindados, etc. Serão illuminados a luz electrica, tendo cada navio um projector electrico systema *Mangin*.

A artilheria d'estes cruzadores compor-se-ha de 4 canhões de 15 c. a 35 ou 36 calibre; 4 canhões de tiro rapido de 65 millimetros; 2 canhões revolveres de 37 millimetros; 2 mettalhadoras de 5 canhões de 11 millimetros e de lança tropedos Whitehead.

Duas canhoneiras de cascos d'aço sem revestimento ou blindagem externa e divididas por repartimentos estanques. De 550 a 600 toneladas, com machinas de triplice expansão verticaes. O seu andamento não deve ser inferior a 11 milhas por hora. Os reductos do commandante serão protegidos por placas d'aço, e illuminadas a luz electrica tendo tambem um projector do systema *Mangin*.

A sua artilheria será: 4 canhões de 10,50 c. a 35 ou 36 calibre; 3 canhões de tiro rapido de 65 millimetros e 1 metralhadora de 5 canhões de 11 millimetros.

Bibliotheca Universal *antiga e moderna*. Companhia Nacional Editora, Lisboa. Vol. n.° 44 *O Hyssope* por Antonio Diniz, com uma noticia biographica do auctor. Este volume é dos mais interessantes que esta bibliotheca tem publicado, e com elle presta bom serviço ás letras portuguezas vulgarisando as obras dos seus melhores auctores.

Adolpho, Modesto & C.ª — IMPRESSORES